

Por Favor?! Um Passadiço para a Lagoa do Fogo e uma Ideia para a Ferraria

POR JOSÉ ANTÓNIO RAPOSO

O turismo continua a crescer em S. Miguel, num percurso que parece não ter fim (mas terá) e que, por isso, assusta.

Assusta, sobretudo, a lentidão com que as autoridades respondem às necessidades evidentes e crescentes de adaptação. Lá vai que se começaram as primeiras obras nos miradouros. Esperamos que não venham a ser como as de Santa Engrácia. O ritmo a que os turistas nos vão chegando ultrapassa largamente o ritmo de reação das autoridades responsáveis – governo e autarquias. Mais depressa se organiza uma festa do que se adapta uma infra-estrutura para acolher os turistas que queremos a povoar os nosso alojamentos e restaurantes, a alugar carros, a dar passeios para ver baleias e golfinhos e a tomar banho nas nossas águas termais, Ferraria incluída.

É particularmente confrangedor o que se passa com a Ferraria e não menos confrangedor é o que se vai passando na Lagoa do Fogo, com obras que engasgaram no parque de estacionamento. Já parece a programação dos barcos e dos aviões – em cima do acontecimento tentamos resolver. Depois dá o que dá. E ainda a propósito da Ferraria, é de morrer quando se vê, publicado em Jornal Oficial, a abertura de “um concurso limitado por prévia qualificação com vista à concessão de exploração e utilização do edifício das Termas da Ferraria, com o prazo de execução por dez anos, prorrogável uma única vez pelo prazo de cinco anos.” Sem que se conheça uma única iniciativa de reposicionamento estratégico e de um plano mestre de ordenamento daquele monumento natural, relegado ao abandono,

concessiona-se o edifício das Termas por 15 anos. Quanta mais falta de visão estratégica temos ainda que suportar?

É preciso acrescentar mais valor à oferta para que se possa atingir a desejada valorização do destino. Expliquem o que se pode cobrar a um turista com uma oferta como a que tem oferecido a Ferraria? E o que se pode pedir no acesso à Lagoa do Fogo? E à Lagoa das Furnas? Temos os nossos tesouros mal-organizados e mal valorizados, pese embora os milhares de camas entretanto criadas, a variedade de restaurantes que, entretanto, abriram e o número crescente de passageiros que vão circulando no aeroporto. É caso para dizer que enquanto uns trabalham e arriscam os outros contemplam e constata, atónitos.

Assusta o volume de carga que está a ser imposto na Lagoa do Fogo sem que haja um esboço de intervenção de manutenção, ou mesmo de adaptação dos trilhos que por lá começam, para manter a sua sustentabilidade. Não será que precisamos de um passadiço ou coisa que se pareça nas cumeeiras e na encosta da Lagoa do Fogo para evitar que as pessoas se rebolem encosta abaixo ou esgatanhem a vegetação quando voltam montanha a cima, espezinhando tudo, tal é o grau de degradação do trilho originalmente demarcado com degraus cavados na encosta e suportados por toros ou pranchas de madeira e varões de ferro? Estamos a maltratar, por desleixo, um dos nossos parques naturais. Sim! É um parque natural! Alguém percebe onde começa? Alguém percebe onde acaba? Quanto se paga para entrar?

A ideia dos passadiços nem é original por cá. Veja-se, por exemplo, o passadiço das caldeiras da Lagoa das Furnas. Exemplo questionável pela sua

densidade e grau intrusão mas está lá a proporcionar dezenas de milhares senão centenas de milhares de experiências! Ou veja-se o passadiço dos Graminhais, que protege as zonas húmidas do local.

Olhe-se para os Passadiços do Paiva, que já deram muitas voltas ao mundo e abriram o Vale do Rio Paiva à contemplação de centenas de milhares de pessoas, sem comprometer a natureza, para além da intervenção de implantação. Mas há outros e fantásticos passadiços a exemplificar a sua função disciplinadora na abordagem à natureza. Numa breve busca damos conta de exemplos como os Passadiços do Sistelo (cerca de 8kms), Passadiço do Osso da Baleia, Passadiços do Alamal (4km), Passadiços do Alvor (6km), o Passadiço da Barrinha do Esmoriz (8kms) ou o Passadiço de Fiães (4kms). Isto se ficarmos por Portugal, porque pelo mundo fora há muitos outros exemplos espetaculares.

Temos andado sempre atrasados nos acertos que o sucesso do turismo nos exige. Por isso nos queixamos tanto do congestionamento que não nos apercebemos que vem, até agora, quase todo, da nossa inabilidade e inação. Sem investimento não dá!

E já agora, um passadiço adequado podia salvar guardar o desgaste imposto na zona da Ferraria. O mesmo acontecia se houvesse outro no Piquinho, no Pico. Isto para não falar de paisagens ainda mais deslumbrantes que uma tal estrutura poderia proporcionar à volta da Vista do Rei ou na Calçada do Gigante e grutas dos Fenais da Ajuda.

Parem para pensar. Parem com o concurso isolado da Ferraria.

Turismo a sério requer medidas a sério.

Acordem os governantes, os autarcas e as associações ambientalistas e empresariais.



João Gago da Câmara

Paralelo 38 Força, André

Aproveitem cada minuto, escreveu Dulce Bradford, mulher do André, na sua página do Facebook. E que bem dito! A vida, com efeito, deve ser vivida ao minuto, ou melhor, ao segundo.

Não sei o que se passará nos próximos dias no Hospital do Divino Espírito Santo, em Ponta Delgada. Que desenvolvimento terá a recuperação do André. Sei apenas que presentemente se encontra entre a vida e a morte. Colapsou e ainda nem cinquenta anos tem. Não é justo, de todo.

Terei que enviar esta crónica hoje para a América, porque a sua publicação para a comunidade emigrada é amanhã no Portuguese Times, e depois na sexta-feira na imprensa regional, daí não poder esperar pelo desfecho de tão triste momento. Quero, todavia, crer que o André sairá do coma induzido após este terrível enfarte, superará esta crise e sexta-feira esta crónica estará positivamente desatualizada.

O André Bradford é um político do PS, mas, até para os seus opositores mais ferozes, é, acima de tudo, um homem com h grande. E isso é o que mais conta.

Como abraçador cedo da política, tornou-se um exemplo a ter em conta por representar, com elevação, a renovação, sempre saudável em democracia. Os velhos devem dar lugar aos mais novos, após lhes passarem conhecimentos.

André Bradford, independentemente da força partidária onde milita e é quadro importante, tem sido uma força da natureza. Percorreu os Açores de lés a lés, tocou, com acuidade, indiferenciadamente, todas as áreas regionais, económica, social e cultural, ouvindo o povo da freguesia à vila, à cidade. Olhou os açorianos nos olhos em manifestações de rara sensibilidade, familiarizou-se rapidamente com a família açoriana e, pelos vistos, foi rapidamente, e responsabilmente, adotado, sendo

hoje um promissor deputado ao Parlamento Europeu.

Bradford, tão depressa tomou assento no grande anfiteatro das decisões, logo evidenciou o propósito sério de ir passando, a par e passo, e ao pormenor, toda a informação ligada ao seu desempenho no grande fórum europeu, pretendendo-se escrutinado pelos açorianos que nele votaram, ou não. Manifestamente, uma forma séria de estar na política que nos dias de hoje vai rareando.

Estas eleições para o Parlamento Europeu vêm sendo para os Açores um verdadeiro desmanche. Não acredito em maus olhados, mas, sinceramente, até parece que existem. Primeiro a farsa de Rio tirando um deputado europeu ao PSD Açores, agora este triste momento atingindo este promissor representante açoriano na Europa das decisões.

Força, André. Estamos contigo. Que a vida te continue a sorrir. Todos precisamos muito de ti.